

CRISTINO WAPICHANA

LEITURINHA

Chuva, gente!

ILUSTRAÇÕES GRAÇA LIMA





Ainda era metade da tarde daquele dia quente. Sentada em seu banco preferido, na frente da morada, vovó olhava para o lado de onde os ventos costumam chegar e entrar pela porta e janelas que davam rosto para a *kabayn* (casa, na língua *wapichana*). Enquanto ela descansava no banco com corpo e cabeça de onça, os ventos aproveitavam para brincar com seus cabelos compridos da cor do tempo vivido. Estar perto dela permite que eu aprenda sobre as coisas da vida do nosso povo e interprete os costumes dos seres e do tempo. Isso é parte fundamental da existência.



Naquele dia, o céu estava com as partes mais azuis das penas dos sanhaços. Nenhum desenho de nuvens enfeitava o céu. Cigarras tagarelavam como se fosse um verão sem fim quando, repentinamente, todas silenciaram. Claro que não percebi. Estava atenta aos poucos passarinhos que cantavam. Notei apenas um canto baixinho da vovó. Depois ela se levantou e foi recolher seus beijus de mandioca que secavam ao sol sobre as palhas de buritis que cobriam a casa.

– Ela já está a caminho, minha neta.

– Quem, vovó?

– A mãe de todos – respondeu. Em seguida, retomou seu canto:



"Não se demore, sagrada mãe. Pai Kamuu (Sol) secou o chão.

Nossa mandioca, de velha, está virando madeira. As sementes aguardam ansiosas pelo primeiro banho, para acordarem e se vestirem de vida..."

Continuamos a recolher o que não resistiria às águas e agasalhamos tudo dentro da casa.

Pai Kamuu seguiu seu caminho de luz. Ele incandescceu o céu de um vermelho tão bonito que aquele fim de tarde passou a morar em minha memória.





Talvez quisesse pressagiar a rara Lua azul cheia que despontava. Foi a Lua mais cheia que meus olhos já viram. Linda, ela subiu apenas um palmo de menina no horizonte quando surgiram relâmpagos que iluminavam brevemente o interior de nuvens escuras. O prateado se misturou às cores das nuvens furiosas que passaram a rodear a Lua com todas as suas forças. Espremida, ela foi ficando do tamanho de um vagalume. Então tudo se tornou escuridão. Eram nuvens que vinham das alturas até quase tocar as copas das árvores.



Os trovões anunciavam que chegariam muitas águas.

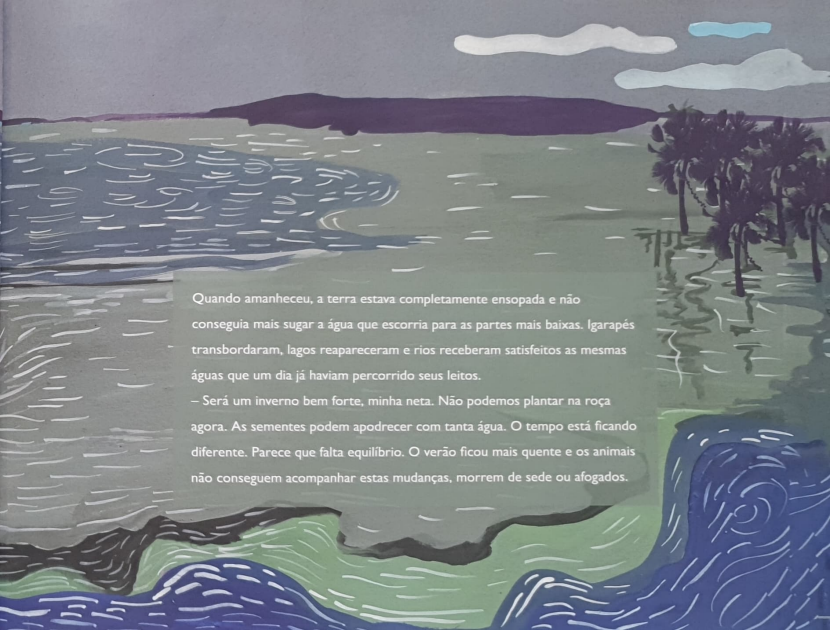
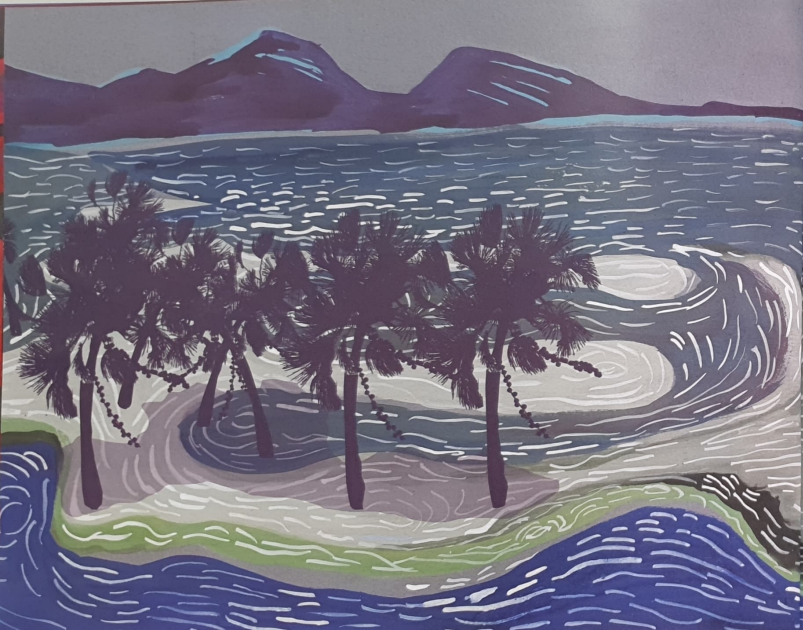
– Os grandes rios invisíveis de cima estão cheios, minha neta!

Vamos entrar e nos abrigar, pois nesta noite o céu trará águas ancestrais renovadas para continuar o ciclo da vida.

– Por que cantou para a chuva, vovó?

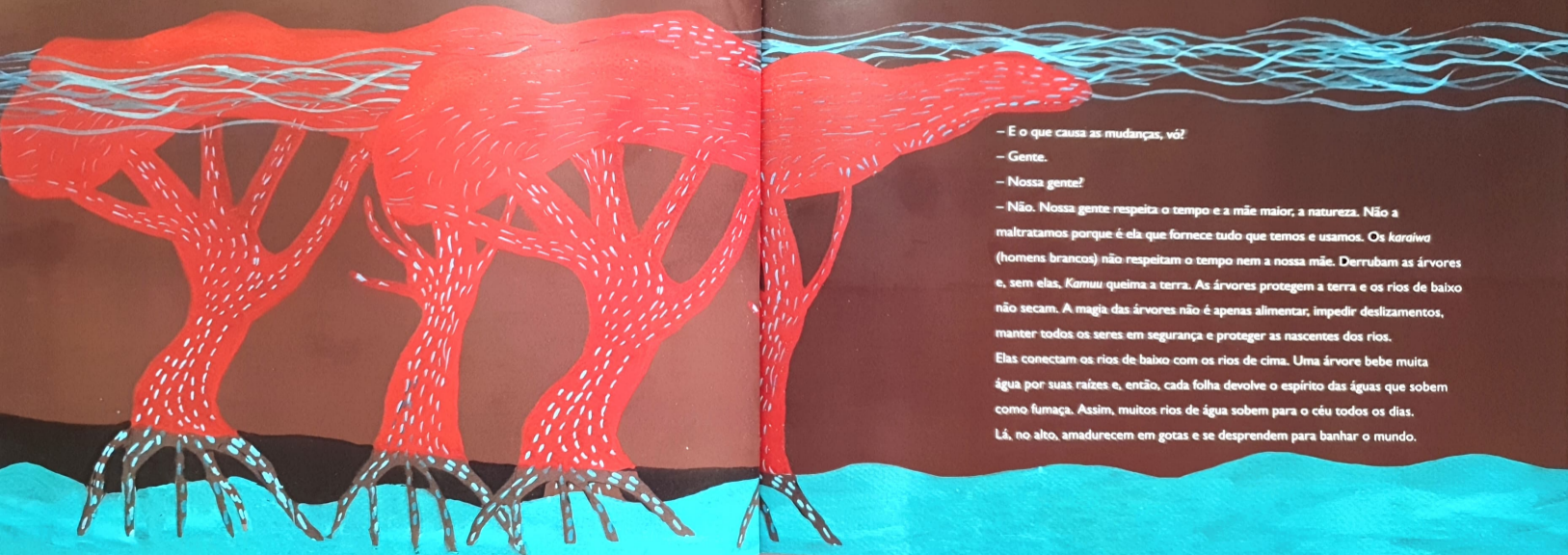
– As cigarras anunciaram a chuva quando silenciaram. Cantamos para não esquecer que todos os seres são feitos de água, voz, movimento, cor e memória.

A chuva chegou apressada e forte. Relâmpagos iluminavam, arranhando o céu em pedaços de instantes enquanto trovões faziam festa.



Quando amanheceu, a terra estava completamente ensopada e não conseguia mais sugar a água que escorria para as partes mais baixas. Igarapés transbordaram, lagos reapareceram e rios receberam satisfeitos as mesmas águas que um dia já haviam percorrido seus leitos.

– Será um inverno bem forte, minha neta. Não podemos plantar na roça agora. As sementes podem apodrecer com tanta água. O tempo está ficando diferente. Parece que falta equilíbrio. O verão ficou mais quente e os animais não conseguem acompanhar estas mudanças, morrem de sede ou afogados.



– E o que causa as mudanças, vô?

– Gente.

– Nossa gente?

– Não. Nossa gente respeita o tempo e a mãe maior, a natureza. Não a maltratamos porque é ela que fornece tudo que temos e usamos. Os *karaíwa* (homens brancos) não respeitam o tempo nem a nossa mãe. Derrubam as árvores e, sem elas, *Kamuu* queima a terra. As árvores protegem a terra e os rios de baixo não secam. A magia das árvores não é apenas alimentar, impedir deslizamentos, manter todos os seres em segurança e proteger as nascentes dos rios. Elas conectam os rios de baixo com os rios de cima. Uma árvore bebe muita água por suas raízes e, então, cada folha devolve o espírito das águas que sobem como fumaça. Assim, muitos rios de água sobem para o céu todos os dias. Lá, no alto, amadurecem em gotas e se desprendem para banhar o mundo.



Em muitas cidades, seus habitantes mataram lindos rios. Seus filhos e netos não conhecem os peixes que existiram naquelas águas.

Não sabem como pescar, caçar ou plantar...

Vovó fez uma pausa, apoiando-se no seu bastão com as duas mãos enquanto olhava para os pés com dedos calejados e tortos.

Os dedões eram afastados dos dedos vizinhos por ela nunca ter usado sapatos. Senti que vovó, naquele momento, queria um abraço de amor, cuidado, carinho e proteção. Não apenas para ela, mas para a mãe maior e tudo e todos que vivem nela e que não podem se proteger do progresso desordenado e da força humana.



Nos meus 10 anos de vida, nunca vi vovó assim. Abraçada a ela, ouvi um suspiro profundo e uma de suas mãos moveu-se para o rosto, coberto pelos cabelos da cor do tempo. Houve silêncio, suspiros e o movimento dos dedos que espalharam pelo rosto as lágrimas dos seus pequeninos olhos, como chuva que rega a terra. Vovó ficava mais quieta quando chovia.

Vovô já não estava entre nós. Mal o conheci. Vovô carregava pesos que o tempo vai espalhando pelos caminhos da vida. Ele partiu tentando proteger a mãe maior e todos que nela habitam. Proteger do avanço das máquinas e das pessoas que não respeitam a vida. Os meus três tios partiram recentemente com doença trazida por *karaiwa*. Foram-se em menos de um mês.



Três dias depois daquele temporal, a vegetação estava mais verde. Fomos cedo tomar banho no igarapé, que tinha uma água morna e cristalina, como cor de chuva. Assim que chegamos, uma chuva fina veio nos visitar.

– Olhe para a água, minha neta. Veja como os pingos de chuva são acolhidos pela água mais velha do igarapé. Os pingos nunca são iguais, mas todos têm a mesma função de renovar as forças do igarapé em uma única água. A água da chuva se une de tal forma com a água dos rios e dos oceanos que fica impossível separá-las. E ela continuou a falar:



– Ouça como os pingos de chuva se chocam com as folhas das árvores. É possível sentir e ouvir a chuva cantar antes mesmo dela chegar. O vento anuncia a sua aproximação. Cada chuva canta sua própria canção, quando os pingos tocam as coisas ou a nós. Os sons são incontáveis, como muitos passarinhos cantando juntos.

– Você consegue ouvir, vó, o que a chuva canta?

– Sim, minha netinha – respondeu, sorrindo.

– E o que ela canta?

– A música da vida, minha neta. Quando chove, o mundo também se encanta e se revigora. Nós nos alegramos como os sapos coaxando no início da noite.



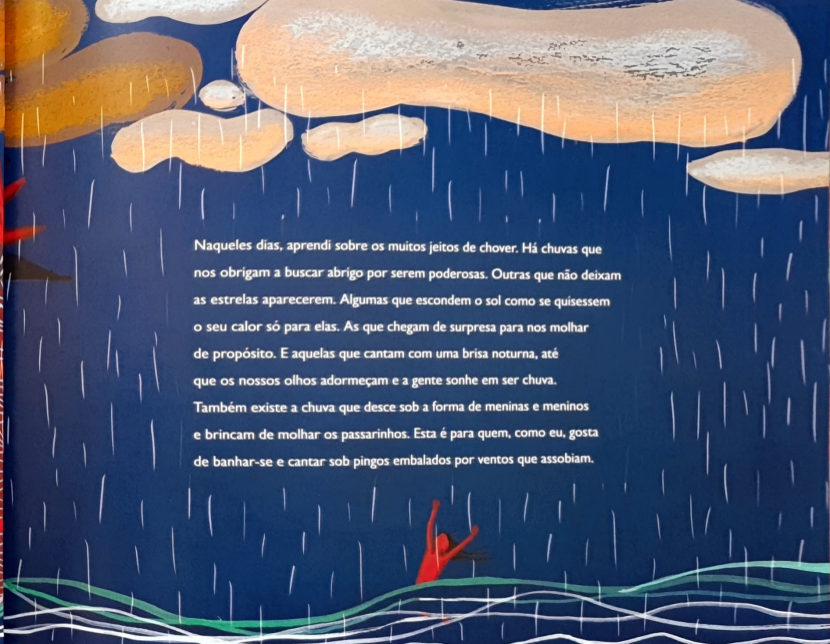
Onde moramos, há muitas árvores frutíferas e sempre ando sozinha pela mata para colher essas delícias. No fim da tarde de um dia, ouvi o canto da chuva nas folhas das árvores sobre o telhado de palha de casa e sobre o chão do terreiro. Ela chegou forte, mas logo enfraqueceu. E nada melhor do que caminhar depois de um aguaceiro para colher os frutos lavados pelas águas do céu. Saí descalça para ouvir o chape-chape e sentir nos pés a maciez da mistura de terra molhada e folhas empapadas que tinham caído no chão. Colhi doces mangas que o vento e a chuva haviam derrubado dos galhos mais altos de uma mangueira. Improvisei uma cesta com minha blusa para carregá-las. Estava ficando escuro e eu tinha que retornar, mas vi uma bela fruta caída um pouco mais distante. Fui até ela e, quando a apanhei, percebi que não tinha formato nem textura de manga! Mas o susto não foi tão grande.



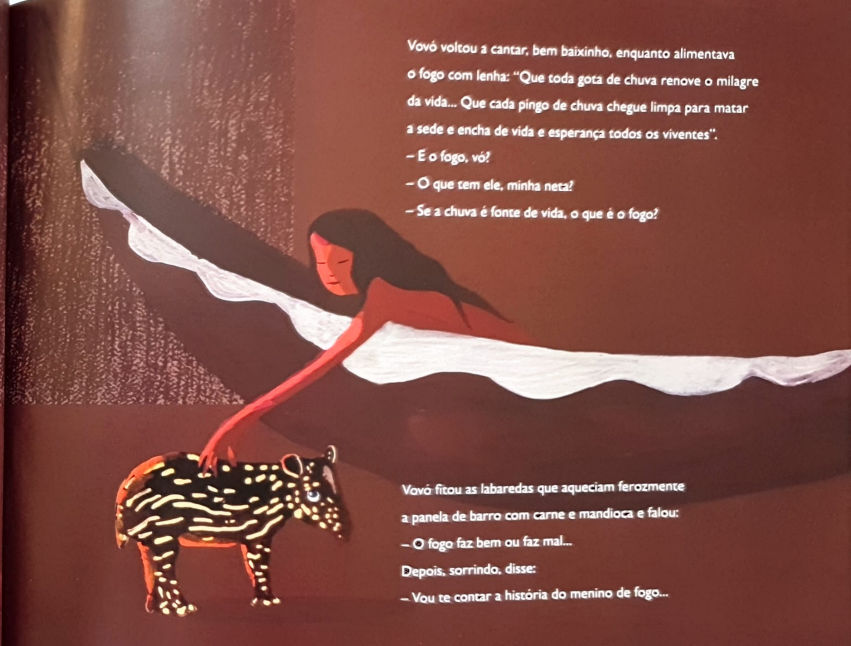
Era apenas um sapo-cururu. Parecia mais assustado que eu, mas logo percebi que não estava sob ameaça. Acariciei-o por um instante na esperança de que cantasse. Ele apenas ficou olhando para mim. Devolvi o sapo ao chão para que continuasse o seu caminho. Eu sabia que se quisesse vê-lo novamente teria que aguardar outro fim de tarde, refazendo o mesmo caminho. Sapos comem moscas, mosquitos, escorpiões, gafanhotos, formigas... São do bem.



Ao chegar em casa, todos aguardavam o jantar ficar pronto. Quando mamãe disse "vamos comer", nós nos juntamos com a mesma vontade: saciar a fome. Depois da refeição seriam servidas as mangas banhadas de chuva que eu tinha recolhido. Claro que não contei nada sobre o sapo...
– Manga deliciosa, minha neta! – disse vovó, de cócoras à beira do fogo.
Apenas olhei e agradei com um sorriso.



Naqueles dias, aprendi sobre os muitos jeitos de chover. Há chuvas que nos obrigam a buscar abrigo por serem poderosas. Outras que não deixam as estrelas aparecerem. Algumas que escondem o sol como se quisessem o seu calor só para elas. As que chegam de surpresa para nos molhar de propósito. E aquelas que cantam com uma brisa noturna, até que os nossos olhos adormeçam e a gente sonhe em ser chuva. Também existe a chuva que desce sob a forma de meninas e meninos e brincam de molhar os passarinhos. Esta é para quem, como eu, gosta de banhar-se e cantar sob pingos embalados por ventos que assobiam.



Vovó voltou a cantar, bem baixinho, enquanto alimentava o fogo com lenha: "Que toda gota de chuva renove o milagre da vida... Que cada pingo de chuva chegue limpa para matar a sede e encha de vida e esperança todos os viventes".

– E o fogo, vó?

– O que tem ele, minha neta?

– Se a chuva é fonte de vida, o que é o fogo?

Vovó fitou as labaredas que aqueciam ferozmente a panela de barro com carne e mandioca e falou:

– O fogo faz bem ou faz mal...

Depois, sorrindo, disse:

– Vou te contar a história do menino de fogo...

